

---

## **Invicta Film, música e cinema mudo “tipicamente português”: sobre os filmes *A Rosa do Adro* (1919) e *Os Fidalgos da Casa Mourisca* (1921)**

Bárbara Carvalho  
CESEM / NOVA FCSH

Com maior actividade entre 1918 e 1925, as produtoras então fundadas em Lisboa e no Porto foram centrais para o início de uma cinematografia nacional que arrancava com um investimento significativo em longas-metragens de ficção, categorizado à época como cinema “tipicamente português”. Este cinema contemplava um conjunto de características que passavam pela adaptação de romances portugueses oitocentistas e contemporâneos, pela incorporação de paisagens, monumentos e tradições da cultura nacional, e pelo recurso a actores e atrizes já conhecidos do universo do teatro. Esta opção *nacionalizante* cumpria o duplo propósito de, por um lado, distinguir a cinematografia portuguesa de outras cinematografias nacionais que então emergiam na Europa e, por outro lado, de garantir a sua entrada nos mercados nacional e internacional ao mesmo tempo que fazia propaganda do país no estrangeiro. Deste modo, a autonomia cultural e estética visava também uma autonomia económica, opção proteccionista que não se encerrava na circulação nacional, mas que tinha como meta a internacionalização dos filmes. A pioneira das longas-metragens de ficção “tipicamente portuguesas” foi a produtora portuense Invicta Film que, para além de estabelecer as normas estéticas que nortearam o cinema mudo nacional, incluiu nessas normas a encomenda de música composta para as longas-metragens. Nesse contexto, iniciou-se o trabalho com Armando Leça que, enquanto folclorista e compositor, seria fundamental na concepção da categoria “tipicamente português” para o sector da música. A partir das partituras para os filmes *A Rosa do Adro* (1919) e *Os Fidalgos da Casa Mourisca* (1921), as primeiras longas-metragens de ficção da Invicta Film, realizadas por Georges Pallu com música de Armando Leça, propõe-se discutir a relação entre os filmes e a música para si composta, situando este gesto na realidade das exibições nas salas de cinema, dominadas internacionalmente por compilações de música pré-existente.

Bárbara Carvalho é estudante do mestrado em Ciências Musicais – variante de Musicologia Histórica – na FCSH, onde realiza uma dissertação sobre música e cinema mudo em Portugal em torno dos anos vinte. É licenciada em Ciências Musicais pela mesma instituição. É investigadora em formação do CESEM, onde colabora com o SociMus (Grupo de Estudos Avançados em Sociologia da Música) e com o NEMI (Núcleo de Estudos em Música na Imprensa).

---

## **“Eu não sei dizer o que é MPB mas sei dizer o que não é”: a presença da música “de mau gosto” na Música Popular Brasileira no século XXI**

Carlos Cavallini  
INET-md / NOV / FCSH

O aumento da classe média no Brasil a partir do governo Lula (2003-2010) gerou um crescimento significativo dos investimentos da indústria fonográfica e do espaço mediático voltado para os estilos e géneros musicais marginalizados pela crítica musical brasileira como o sertanejo, o funk, o pagode, o “brega”, e.o. Os jovens da classe média são hoje os maiores consumidores do Brasil